

STAR CRAFT

HEART OF THE SWARM



Momento

Por Danny McAleese

Todas as explosões pararam ao mesmo tempo.

Por um momento longo e sinistro, o silêncio reinou. Então, as colunas de fumaça branca e cinza que sufocavam a zona de combate se ergueram preguiçosamente no ar parado. Sob ela descortinou-se, como um truque de mágica cruel, toda a extensão do campo de batalha fumegante.

Os protoss tinham sido brutalmente eficazes em seu ataque. Trajes de combate despedaçados que outrora foram soldados vivos jaziam em vários estágios de destruição. Alguns foram queimados por disruptores de partículas, a blindagem perfurada por fogo de tormento. Outros tiveram um fim cirúrgico, fatiados pela energia escaldante das lâminas psiônicas dos fanáticos. Todos jaziam sem vida.

Ou quase todos.

A quietude aparente do acampamento kelmoriano foi rompida por um movimento súbito. Um a um, do final das fileiras, os soldados começaram a avançar lentamente. Eram demolidores, movendo-se pesadamente em seus enormes trajes blindados — morcegos de fogo, arrastando os canos brilhantes e sujos de fuligem dos lança-chamas Perdição. Suas formações, outrora alinhadas, agora estavam em pedaços, como os destroços retorcidos das instalações que eles foram designados para defender. Mas perseveraram. Ainda respiravam. E para eles, aquilo era a vitória.

O capitão Marius Blackwood não viu nada daquilo. Dos dois lados do seu tanque de cerco que se movia a toda, o estranho terreno moriano passava em um borrão. Vastas planícies de poeira vermelha estendiam-se em todas as direções; Marius concentrava-se no pequeno

e delimitado mundo que via pela escotilha dianteira. Em vez do atroar agudo dos alarmes da fortaleza, ele ouvia apenas o rugir confortante do motor a seus pés.

— As tropas inimigas estão debandando — disse uma voz no comunicador. As palavras eram lacônicas como sempre: instruções dadas por robôs da central de comando. — Todos os esquadrões, apresentem-se aos comandantes de pelotão. Objetivo primário alfa. Quebra de perímetro em...

Marius desligou os fones de ouvido, interrompendo o que sabia tratar-se de uma inútil e infundável torrente de palavrório eletrônico. Sua mão calejada fechou-se no manche sem que ele sequer precisasse olhar para baixo. O tanque Arclite tremeu por um instante ao mudar de marcha; as lagartas deixavam um rastro de enormes nuvens de poeira rubra.

Mas Marius também não viu nada daquilo. Ele viu apenas o colosso.

A coisa intimidava de tão grande— um monstro cuja silhueta se recortava contra o cenário sinistro e calcinado. Ele a viu retirar-se sobre as longas pernas aracnídeas, viu a cabeça estranha e alienígena voltada para trás tentando cobrir a fuga. Ainda estava bem fora de alcance. Marius sabia que a criatura continuaria a se afastar do tanque de cerco, exceto por um pequeno detalhe.

Estava mancando.

O andarilho robótico solitário já não tinha a velocidade nem a elegância de quando as máquinas de guerra começaram o ataque às instalações. Aquele tinha sofrido algum dano.

Dando mais zoom no visor, Marius pôde ver a perna bastante danificada. A cada passo do andarilho, a perna se arrastava pesadamente atrás dele.

Ele acelerou o motor. Mais adiante, a planície vazia deu lugar às formas mais escuras das montanhas distantes. Ele precisava alcançar o colosso antes que a criatura chegasse até elas. Marius travou a alça de mira no alvo, de olhos colados na leitura de proximidade que piscava logo abaixo. Só tinha certeza de uma coisa: seria por pouco.

Uma luz branca piscou rapidamente no console à sua frente. Marius fez o melhor que podia para ignorá-la, e quase conseguiu; então suspirou e bateu com o punho no botão. Na tela rachada e imunda, um vulto familiar apareceu.

— Blackwood! — rugiu a tenente-coronel. — Pra onde o senhor acha que está indo?

— Pra frente — respondeu Marius, insolente. Ele já sabia onde ia dar aquela conversa.

— Pra frente porra nenhuma — repreendeu a tenente-coronel. Seus olhos azuis brilhavam mesmo através da sujeira e da fuligem da tela rachada. — Acabou a festa, Capitão. Volte pra cá. Agora. Nós temos...

Sem aviso, o tanque de cerco foi sacudido por uma explosão brilhante. Servomotores hidráulicos no chassi absorveram quase todo o impacto, mas não impediram que a cabeça de Marius batesse no console. Ele lutou para manter o controle e passou os dedos instintivamente em seu cabelo negro emaranhado. Eles voltaram cobertos de sangue.

— Eu achei que o inimigo tivesse debandado! — rugiu Marius ao microfone enquanto perscrutava o cenário pela escotilha. Apesar de todas as missões que ele cumprira usando

aquele equipamento, o piloto veterano ainda não confiava totalmente nas telas dos sensores.

— Eles debandou, sim — redarguiu a coronel. — Mas você está muito na frente. Você está esbarrando nos retardatários, Capitão. Você está adiantado demais...

Outro impacto sacudiu o tanque, mas dessa vez apenas passara de raspão. Virando-se para o lado, Marius identificou o novo inimigo. Um único tormento o alvejara ao fugir, movendo-se na mesma direção geral que ele. Suas pernas eram um borrão de velocidade impressionante enquanto a máquina se afastava.

Não era para essa coisa estar aqui, pensou ele, intrigado. A essa altura, o tormento já deveria ter se teletransportado para se unir aos seus camaradas robóticos. Talvez estivesse danificado. Como quer que fosse, Marius não ia dar a ele a chance de desmenti-lo.

Ele agiu. Era sempre assim quando pilotava. Depois de anos de prática, Marius aprendera a se tornar um com sua máquina. Como resultado, não havia separação entre pensamento e ação quando ele girou o volante para a esquerda.

O tanque reagiu de imediato ao comando. Derrapando loucamente, Marius esperou até o tormento se alinhar com sua mira para então enfiar o pé direito no pedal de estabilização. Houve um rugido tremendo e o tanque estremeceu, voltou a se estabilizar e prosseguiu caminho sem perder um segundo, seguindo em frente numa velocidade impressionante.

Tem que manter o impulso, ecoou uma voz em sua cabeça. *Se perder o impulso, eles acabam contigo.*

Cione. Outra vez. Marius fez uma careta, apertando as têmporas com polegar e indicador sujos. — Agora não, irmão — disse ele, suavemente. — Eu estou meio ocupado.

O torso do tormento girara para frente, provavelmente para calcular o melhor ângulo de fuga. Ele se voltou e viu mais de sessenta toneladas de aço vindo a toda em sua direção. Apontando rapidamente os canhões disruptores, o inimigo conseguiu disparar um único tiro desajeitado antes de Marius apertar o gatilho do canhão 80mm. O impacto duplo do disparo atravessou o que restava do escudo do robô e fez a máquina em pedaços um segundo antes de o tanque de cerco passar por cima dos seus destroços.

Marius ouviu o agradável som de metal esfacelando-se sob as lagartas do tanque. Uma olhada rápida no visor traseiro mostrou fragmentos do andarilho voando para todos os lados. Pelo menos aquelas coisas morriam direito. Não eram como os fanáticos, que desapareciam em um clarão sinistro quando morriam. Um calafrio percorreu sua espinha. Ele sempre achara aquilo inquietante.

— Muito bem — estalou a voz da coronel ao comunicador, com algum sarcasmo. — Ok, você já se divertiu, Capitão. É pra voltar *agora*.

A última palavra foi dita com intensidade, e por um bom motivo. Marius já manobrava o tanque de forma a seguir outra vez o colosso.

Ele abriu o canal do microfone. — Volto em um minuto — disse, inocente. O tanque estava quase a toda velocidade, voando pelo cenário avermelhado, levantando poeira. Ele se permitiu relaxar por um momento. O rugido do motor era quase confortante.

— Estou ordenando que você retorne imediatamente! — continuou a coronel. — Eu sei o que você está fazendo, você não vai conseguir derrubar aquela coisa nem a pau! Além do mais — disse após uma pausa —, os níveis de radiação ainda não estão seguros.

Marius olhou para a direita, onde uma nuvem negra sinistra pairava imóvel no céu rosado. Era tudo o que restava da explosão nuclear que no fim ganhara a batalha para eles. De alguma forma, um fantasma conseguira ir lá dentro. Talvez até demais da conta; os boatos no comunicador diziam que o pobre infeliz provavelmente tinha batido as botas ao direcionar o ataque.

Para ser sincero, Marius não sabia o motivo daquilo. O acampamento kelmoriano que tinham sido designados para defender era conhecido oficialmente como Estação de Mineração Remota Quatro—outro buraco, que nem tudo o mais naquele planeta. O lugar ficava no centro de um vasto mar de areia, cercado por um monte de nada por todos os lados. O "Remota" da placa havia muito recebido uma pichação que completava: "Pra cacete."

A Estação Remota Pra Cacete era militarizada demais para uma colônia de mineração, como se abrigasse algo importante. Algo que os protoss queriam muito, a julgar pela capacidade de fogo que haviam usado contra o lugar.

Não que Marius se importasse. Nenhum daqueles detalhes lhe dizia respeito.

Tudo o que ele sabia é que a batalha fora selvagem desde o começo. O massacre inicial causado pelas forças terrestres protoss tinha recebido apoio de três colossos. Marius ainda não vira um deles, e não demorou para ficar impressionado. Os monstrenhos pairavam

acima de tudo o mais no campo de batalha, dilacerando a zona de combate com os feixes superaquecidos de suas lanças términas.

Dois deles foram abatidos, finalmente. Aquilo exigiu toda uma ala de vikings e uma penca de pilotos mortos, e todo um batalhão de goliats se sacrificou. Aqueles soldados haviam morrido de um jeito particularmente doloroso. Marius ainda podia ouvir os gritos de agonia enquanto suas máquinas eram derretidas instantaneamente, liquefazendo-se em volta de seus corpos.

E ainda assim ele não sentia nada.

Era horrível, o pior tipo de horrível, mas Marius não conseguia se importar. Aquelas pessoas não eram nada para ele — todas eram estranhas, da primeira à última. Riam; brincavam; faziam piada de tudo... e eram jovens. Tão jovens. Ficavam brincando umas com as outras como se fossem velhas amigas, embora não fossem, e era aquilo que mais irritava Marius.

Era assim em todo lugar aonde ele ia. Não importava o planetoide de fim de mundo onde ele fosse parar — as pessoas sempre o evitavam. Com o tempo, alguns acabavam ficando com medo dele. Diziam que se arriscava demais e se importava pouco com a segurança deles. No campo de batalha, era irresponsável, destemido, perigoso. Um dos seus comandantes até o chamara de sanguinário. Marius chegara perigosamente perto de nocautear o sujeito quando ouviu aquilo. Mas quanto mais pensava naquele comentário, mais ele via que fazia sentido.

É claro que, de vez em quando, um grupo tentava incluí-lo. O papel destinado a ele era o de veterano grisalho, marcado por batalhas, transmitindo conhecimento e sabedoria paternal a seus irmãos de armas mais jovens. Era um clichê enojante. Sempre que começava, ele acabava com tudo rapidamente.

No fim, sempre davam de ombros e o deixavam de lado. Estreitavam relações, formavam vínculos e se tornavam irmãos na batalha. Mas não eram amigos *dele*. Não eram *seus* irmãos de armas.

Isso porque todos os seus irmãos tinham morrido.

Stoltzfus, Tallman, Marciniak. Cione. Todos se foram. No começo Marius culpara a luta: os protoss e suas armas mortais, o enxame aparentemente infundável de zergs. O ódio pelos inimigos tomara o lugar dos seus amigos em seu coração, preenchendo o vazio que tinham deixado. Mas, como frequentemente acontecia com veteranos, Marius Blackwood por fim compreendeu que seu verdadeiro inimigo não era aquele que vinha enfrentando no campo de batalha por tantos anos.

O verdadeiro inimigo era o tempo.

O tempo levava seus amigos. Tinha-os apagado, erradicado dos corações e mentes de todos que poderiam se lembrar deles. Dos cinco, Marius era o último. E quando ele se fosse?

Seria como se não tivessem sequer existido.

Um alarme vermelho piscante o trouxe de volta ao presente. Marius apertou outro botão, indicando seu entendimento de que o motor do Arclite estava quase superaquecido. Ele

não se preocupou. Já pilotara aquela máquina em situações bem mais perigosas, forçando-a até os limites da falha crítica e às vezes além. Ele sabia o que o tanque era capaz de fazer, melhor que os engenheiros que o tinham projetado e construído.

Mais adiante, seu alvo estava bem mais próximo. Marius podia ver a perna quebrada bem mais claramente. Uma trilha constante de poeira pairava no ar atrás dele, marcando os lugares por onde ele vinha se arrastando. O ambiente sem vento do planeta criava uma longa trilha que levava direto ao andarilho gigante.

Mas Marius não precisava de trilha. Tudo de que ele precisava era um bom disparo.

— Capitão! — gritava a voz no comunicador. — Pela última vez: volte já para cá!

O sinal do comunicador estava falhando. Súbito Marius lembrou-se de que as antenas de amplificação de sinal tinham sido totalmente perdidas logo no começo do ataque. Mais alguns cliques e ele estaria completamente fora do alcance da base; mais um problema irritante que ia desaparecer.

— Blackwoo...

De forma abrupta, Marius decidiu tentar uma abordagem diferente.

— Você viu o que aconteceu! — uivou ele, interrompendo-a e fazendo o seu melhor para parecer zangado. — Quantos do nosso pessoal aquela coisa incinerou? Você quer que eu deixe isso barato?

Foi um belo desempenho. Ele quase se sentiu orgulhoso. Houve uma longa pausa, seguida por uma torrente de estática. A voz que Marius ouviu então estava calma e sem emoção.

— Está bem — disse a tenente-coronel, resignada. — A corte marcial é sua.

— Isso é.

Um clarão no visor indicou que o alvo mudara de direção. Por algum motivo o colosso agora se movia na diagonal. Quando Marius redirecionou o tanque para interceptá-lo, uma olhada pela escotilha revelou o motivo da guinada.

A leste, um pequeno grupo de penhascos interrompia a superfície imaculada do chão de barro duro. Eram baixos o suficiente para permitir que o colosso passasse sobre eles, mas íngremes demais para que o tanque de cerco acompanhasse. Marius disse um palavrão cabeludo e apertou uma série de botões em seu console dianteiro.

Uma imagem holográfica apareceu no visor, mostrando uma representação 3-D da topografia próxima. Ele deu zoom nos penhascos, girando a imagem de todos os ângulos enquanto procurava uma maneira de subir. Meio minuto depois, encontrou um caminho. Relativamente perto, ao sul do ponto de entrada mais provável do colosso, uma inclinação rochosa dava acesso ao topo do penhasco. Era íngreme — na verdade, perigosamente íngreme —, mas ele tinha certeza de que conseguiria subir.

Ajustando o trajeto para a base da rampa, Marius usou as costas do braço para limpar uma espessa capa de suor de cima dos olhos. O interior do tanque estava sufocante de tão quente; já havia muito, ele desligara o sistema de resfriamento interno do Arclite. Resfriar o ar só sobrecarregava o motor, e os compressores pesados eram peso morto para ele.

O calor dava para ele aguentar. De um jeito estranho, ele até gostava. Cada gota de suor era mais um pouco de velocidade; trocar conforto por desempenho era apenas mais uma das muitas modificações que Marius fizera ao velho Arclite. Sorrindo para si mesmo, ele se lembrou do dia em que tomara um maçarico de plasma de um dos mecânicos e o usara para cortar fora a escotilha dianteira. Quando seus superiores viram o buraco que Marius escavara na carcaça de 15 centímetros de novoaço, quase pariram gatinhos. Mas, depois da mijada do século, o veterano saiu impune outra vez.

Marius agora olhava por aquela escotilha, através da espessa janela de plastiaço que ele afixara havia tantos anos. O colosso se aproximava do penhasco. Mesmo aleijado, era estranhamente bonito. O corpo esguio e anguloso era insculpido com arabescos que o tornavam mais parecido a uma obra de arte que à máquina de guerra devastara que era em verdade. Uma luminescência azul fantasmagórica brilhava lá dentro.

Vai ficar aí encarando esse treco ou vai arrebentar com ele? A voz de Cione outra vez. Marius baixou a cabeça. Seu olhar pairou sobre as botas imundas.

Ele se lembrava de uma época em que aquelas botas eram polidas até quase virarem espelhos, todo santo dia. Ou quase. Todos eles eram tão jovens que chegava a doer o coração. Garotos de cara limpa, recém-saídos da academia. Não tinham preconceitos, não eram cínicos, nem pessimistas. E estavam prontos para a guerra — e como.

Naqueles dias, nada estava fora de alcance. Tudo era possível.

Os cinco tinham permanecido juntos, nos piores e piores momentos; não havia "melhores" momentos naquela época, e eles não se importavam. Eram irmãos de verdade, sempre

cuidando uns dos outros, ajudando-se a sobreviver ao batismo de fogo. Mesmo depois que o pelotão se separou, eles conseguiram manter contato, jurando solenemente se encontrar sempre que pudessem, tipo uma vez por ano, no Barraco.

Era um lugar horrível — o mais depauperado dos bares, metido nos cafundós de uma subestação problemática perto de Shiloh. Mas fora o local da primeira missão deles, e aquilo o tornava especial. Com o tempo, começaram a amar o lugar. Com o passar dos anos, tornaram-no deles.

O Barraco foi a única coisa boa que aconteceu com Marius. Durante todos os anos de inferno e fogo, era uma coisa pela qual ele podia ansiar. A única constante luminosa em sua vida de soldado sempre cambiante.

Mas no final, mesmo aquilo mudou. Um por um, menos deles iam até lá. o primeiro a faltar foi Stoltzfus, que, como logo descobriram, fora baleado com um projétil de ponta oca pouco antes do seu trigésimo aniversário. Parece que ele escolhera o lado errado de alguma revolta imbecil. Fazia até sentido: o garoto era amável e confiante, mas nunca fora muito inteligente.

Marciniak desapareceu alguns anos depois, em algum lugar perto de Char. Alguns bons anos se passaram e então chegou a vez de Tallman. Ele bateu as botas um mês depois de se juntar a um bando de mercenários loucos. Nunca souberam os detalhes (pelo jeito, algum negócio escuso acabara mal), mas aquilo doeu mais que das outras vezes. Billy Tallman sempre parecera grande. Era o que entornava mais bebida, vencia mais lutas e transava

com as mulheres mais lindas. Ele tinha a liderança tácita do grupo. E se algum deles era realmente implacável, era ele.

No fim, restaram Marius e Cione. Por muito tempo eles mantiveram a tradição: se encontravam, trocavam reminiscências, até faziam brindes aos camaradas caídos. Não importava onde estivesse ou o que estivesse fazendo. Quando se tratava do Barraco, Marius não perdia os encontros por nada.

E então, um dia, Cione também deixou de aparecer.

Levou algum tempo até descobrir o que tinha acontecido. Aparentemente, Cione tinha sido morto por fogo amigo. Algum operador de Crucio fora descuidado com a mira e a maior parte do destacamento recebera uma chuva indesejada de tungstênio superaquecido. Sequer sobrara um corpo.

Marius fechou os olhos com força ao se lembrar daquilo. Seus oficiais comandantes nunca conseguiram entender por que um dos seus melhores pilotos se recusava repetidamente a trocar de tanque e deixar o Arclite para trás. Mesmo quando se tornou obrigatório, Blackwood recusou, tornando-se alvo de piadas na divisão. Então, à medida que o tempo passava, os recrutas mais novos começaram a vê-lo mais e mais como um mistério. Eles o consideravam teimoso e saudosista, um fóssil que se recusava a mudar com os tempos. Mas Marius sabia que não era isso. Sempre que ele pensava em Cione, Marius se lembrava exatamente do motivo pelo qual ele jamais entraria em um Crucio.

Aquela visita ao Barraco fora a última, e naquele mês completaria cinco anos. Marius pedira uma última cerveja para o amigo e a colocara diante da cadeira vazia de Cione, enquanto

ele terminava a sua. Então ele partiu. Era simples assim. Definitivo assim. Ele se voltou uma última vez ao passar pelo umbral, olhando para o lugar onde se postavam cinco bancos depauperados que antes foram ocupados com calor humano, risadas e vida; agora estavam vazios e frios. Ele ainda pôde ver o garçom despejando a cerveja de Cione pelo ralo de aço. Seu amigo jamais beberia aquela última cerveja. Fora-se para sempre, como ele próprio.

Como todos eles.

Um alarme tocou suavemente quando o tanque chegou ao trecho designado. Rilhando os dentes, Marius começou a subir a rampa. Parecia bem mais íngreme que no visor e dez vezes mais irregular. Com o veículo sacudindo descontroladamente, tudo o que ele podia fazer era se segurar no assento; era impossível manipular os controles.

Marius capotara o tanque uma vez, na época em que estava começando a carreira de piloto. Fora uma experiência deveras desagradável, que ele jamais quis repetir. Na época, era apenas uma simples questão de chamar um guincho e dar umas risadas; depois de alguns minutos embaraçosos, ele estava de volta de cabeça para cima. Mas ser pego ali como uma tartaruga virada? Aquilo teria graves consequências. O colosso poderia mudar de direção e disparar contra ele. Com a escotilha prensada contra o chão ele ficaria preso, sem poder se mover nem se defender. Imaginava como seriam aqueles momentos finais: a carcaça do tanque sacudida por raios brancos incandescentes. A temperatura ali dentro, já insuportável, aumentando ainda mais...

Marius olhou para baixo e viu seu C-7 ainda preso à cintura, tranquilizando-o. Não fora coincidência ele ter comprado a pistola no mesmo dia que capotara com o tanque.

A inclinação ficou mais íngreme. Marius desceu duas marchas quando passou da marca dos 50 graus, rilhando os dentes ao verificar os giroscópios novamente. Ele conseguiria subir uma inclinação de 60 graus. *Talvez 65.* Mais do que isso e ele simplesmente viraria para trás; seu corpo ia quicar feito bola em fliperama enquanto o tanque rolaria indefeso até o sopé do penhasco.

Lá fora, o barulho atingiu níveis ensurdecedores; as lagartas do tanque de cerco cuspiam pedaços de rocha e cascalho. Elas devoravam o terreno, empurrando a máquina para diante e para cima com um terrível guinchar de aço contra pedra. Lá dentro, Marius podia sentir o centro de gravidade mudar. Seu estômago recuou na cavidade abdominal. Os dedos frios do medo acariciaram sua mente. Então, sentindo uma onda eufórica de puro alívio, ele viu o topo do penhasco se aproximar.

O indicador de altitude mostrava 63 graus de inclinação enquanto Marius subia de marcha. O veículo saltou para diante com os canos apontando para o céu ao chegar à beirada de pedra. Houve um momento crítico em que o coração de Marius parou: o terreno cedeu e as lagartas giraram no vazio. O tanque perdeu apoio e escorregou meio metro para trás. Mas, um segundo depois, ele bateu com o nariz na superfície plana do platô com um baque atroante.

Avançando a toda velocidade da última nuvem de poeira, Marius localizou o alvo rapidamente. Direcionar o tanque para a rampa criara nova distância entre eles, mas era uma distância que ele poderia cobrir sem dificuldade. O colosso continuou a manquejar atrás dele como um grande inseto ferido. Parecia estar encarando Marius.

Você é louco. Louco de pedra.

Podia ter sido a voz de Cione, mas Marius achou que talvez fosse a sua. De qualquer forma, a loucura do que ele estava fazendo subitamente ficou clara. Mas também percebeu — de forma igualmente peremptória, ou até mais — que não dava a mínima.

Claro, nem sempre fora assim. Houve uma época em que Marius se importava até bastante. Ele olhou tristemente para um local vazio no canto do grande console de aço. Ali havia a vaga forma de um retângulo esmaecido, tão apagado que ele mal podia ver. Antes, havia uma foto ali. Uma foto que tinha se perdido já fazia tantos anos que parecia dez vidas atrás.

Hannah.

Mais um dos seus fracassos na vida.

Pensar que ela fora seu "único grande amor" fazia-o rir. Mas, em outra época, em outro lugar, ela certamente significara algo. Hannah tinha sido a primeira e última vez em que ele se arriscara, sua única tentativa desastrada de manter um relacionamento.

Eles haviam se conhecido em uma aldeia de pescadores quando ele estava lotado em Shiloh, na época em que sua vida ainda tinha alguma aparência de normalidade. Ela era jovem como ele, mas mais inteligente, mais animada e muito bonita. Olhos cinzentos cor de aço. Cabelo cor de mel. Ele capotou feio. Mas, infelizmente para Marius, aquilo estava fora de alcance para um soldado com campanhas em mais de nove planetas. O dever chamava.

Marius passou um dedo sujo de graxa no local onde ficava a foto. Ele se lembrava da imagem de maneira tão vívida que era como se ela ainda estivesse ali: Hannah diante do

lago, com um sorriso largo e uma grande flor amarela enfiada no cabelo. Ela o levava para andar de barco naquele dia.

Agora ele teve que fazer uma careta de escárnio. A garota, a foto: ideias tolas desde o princípio.

Um clarão de luz amarela cegante veio de lugar nenhum, fazendo com que ele protegesse instintivamente os olhos com o braço. Mesmo atravessando a escotilhazinha enfumaçada, o brilho quase o cegou de tão intenso.

Bem à frente, o colosso disparava contra ele. Dos dois lados da cabeça longilínea, duas grandes torres se moviam em sincronia. Marius freou o tanque, subitamente dando-se conta da capacidade do inimigo de cortar o tanque em fatias incandescentes. Mas, quando o colosso disparou outra vez, ele percebeu que ainda estava a salvo, fora de alcance.

Várias vezes, os raios duplos da lança térmica do andarilho rasgaram o céu. Elas atingiram a superfície compacta de barro do planeta, criando enormes trilhas de destruição em forma de profundas fissuras incandescentes. E, naquele mesmo instante, Marius compreendeu exatamente o que a máquina estava fazendo.

O tanque de cerco estremeceu ao avançar a toda velocidade na direção de uma das primeiras trincheiras incandescentes. Os sistemas de estabilização assumiram o controle, minimizando o impacto no chassi do Arclite, mas havia irregularidades demais no cenário recém devastado para fazer diferença. A máquina sacudiu violentamente para frente e para trás, e Marius forcejou para afastá-la do terreno esfacelado.

O colosso continuou a disparar. Marius finalmente guiou o tanque para fora da zona de perigo, observando os feixes escavarem novos sulcos no chão atrás do andarilho. Ficar fora do arco de destruição tomaria mais tempo; ele já não podia ir de frente até o alvo. Mas, ainda assim, o Arclite ganhava terreno. Era apenas questão de minutos.

Duas luzes piscando chamaram a atenção de Marius quando passaram de amarelo para branco. Alarmes de proximidade da traseira. Ele tinha avançado demais, para além do alcance limitado dos sistemas de comunicação primitivos das instalações de mineração. Agora não poderiam contatá-lo nem se quisessem. Nem Marius a eles.

Não que isso importasse.

Na verdade, nada mais importava para Marius já fazia algum tempo. Felicidade estava totalmente fora de questão. O máximo que ele sentia por aquela época era contentamento, e mesmo assim apenas quando estava ocupado imerso naquilo que fazia melhor: combatendo. Inúmeras vezes recusara promoções, transferências, até uma oportunidade de se aposentar, importando-se apenas com quando e onde seria a próxima batalha. Sem perceber como aquilo acontecera com ele, Marius agora vivia apenas pela emoção da batalha.

E tinha havido muitas, muitas batalhas.

Muitas mortes.

Ele deu um sorrisinho. O tanque continuava a quicar pelo terreno. Contar os abates era algo que eles tinham feito desde o começo, uma tradição antiga que eles ressuscitaram juntos,

como grupo. Começou com Billy marcando cada abate no elmo, quando os cinco ainda eram da infantaria. Dali a coisa virou uma competição amigável, embora acabasse atingindo grandes proporções ao longo dos anos.

Como resultado, ele decorara o lado do seu tanque de cerco com abates. Marius contabilizava zergs, protoss, até os inimigos terranos que de vez em quando tinha que enfrentar. Cada um dos seus abates era contado, marcado a laser com carinho e atenção na blindagem de novoço de sua máquina de morte.

Os abates eram seus troféus. Eram os seus amigos.

Eram tudo que restava.

O tanque ia de um lado a outro enquanto se arrojava pela planície empoeirada. Marius o mantinha na beirada do terreno despedaçado. Talvez fosse o calor intenso ou talvez a coisa tivesse finalmente compreendido a ineficácia do seu plano, porque, por fim, os disparos cessaram. Virando a cabeça para frente, o colosso continuou a rastejar.

Ele pisou fundo, sentindo a pulsação acelerar ao se aproximar da presa. Ele se sentia vivo — vivo e mais perto do que nunca de explodir e mandar aquela monstruosidade maldita pelos ares. Em alguns minutos não passaria de uma marca no lado do seu tanque, mas uma bem importante. Porque em todos os seus anos de pilotagem, ele jamais matara um colosso.

E ele queria matar um desesperadamente.

Mirando na direção do inimigo, o capitão deu um tiro rápido. Os projéteis não acertaram o colosso, exatamente como ele previra. Mas queria a atenção do andarilho. Precisava dos disparos da coisa para saber quão perto poderia chegar antes de dar o tiro de verdade.

Marius não tinha ilusões quanto a limites de alcance. Os feixes das lanças térmicas o cortariam em fatias bem antes de os canos gêmeos do seu 80mm acertarem o alvo. Sempre soubera que o modo de cerco do canhão era a única chance de derrubar o andarilho. Mas no que dizia respeito ao Mjolnir, ele não tinha ilusões quanto àquilo: ele era bom.

Sua mente começou a se ocupar dos cálculos: estimativas de alcance e distância que apenas um piloto experiente entenderia. Mas o colosso se recusava a disparar. Continuava avançando inexorável, arrastando os restos retorcidos da perna atrás de si. O andarilho não demonstrava medo nem preocupação. Não se movia nem mais rápido nem mais devagar desde que a perseguição começara. Sua completa falta de humanidade o personificava. A distância, parecia malévolo e inquietante.

Marius começou a acionar os botões que desativavam as salvaguardas primárias para entrar em modo de cerco. O tanque avançava inexoravelmente para diante, aproximando-se mais da presa a cada segundo.

Ele esperou até o último segundo possível... até o colosso voltar a cabeça. Então agiu.

Marius freou e houve um ruído alto de metal raspando na terra quando o Arclite arrastou-se pela superfície compacta de barro, indo parar uns bons trinta metros adiante. Poeira vermelha cobria tudo. Antes mesmo de parar totalmente, Marius já começara a acionar rapidamente uma sequência conhecida de botões e interruptores.

O tanque se ergueu sob ele como algo vivo. Houve um sinistro sibilar hidráulico quando as pernas de apoio do Arclite projetaram-se para fora e então para baixo, batendo com força no barro seco e resistente. Por alguns minutos tensos, ele só podia observar enquanto o mecanismo de liberação das travas terminava seu ciclo. Então a luz de prontidão passou de vermelho para verde, sinalizando que o modo de cerco estava totalmente ativado.

Com o tanque parado, o colosso estava se afastando rapidamente. Marius olhou para o computador: o andarilho já estava travado no alvo. Os dados começaram a passar dos lados do visor, oferecendo várias trajetórias e possíveis correções de curso. Marius ignorou tudo. Agarrou os controles de artilharia do canhão e rastreou visualmente o colosso, que parecia gravado em sua mente.

O solo chiou. Do lado de fora do tanque, o cenário irrompeu em chamas alaranjadas; o colosso estava disparando outra vez. Um cheiro estranho chegou às narinas de Marius: ozônio queimando. Os pelos em seu braço se arrepiaram. A visão adiante do tanque estava completamente obscurecida. No visor, a alça de mira ao redor do colosso estava chegando no alcance máximo do Mjolnir. O polegar de Mairus pairou sobre o botão, mas sem tremer. Ele procedeu como sempre fazia. No olho. Na marra. No instinto.

Ele disparou.

O canhão do Arclite atroou pela planície. Marius soltou os controles imediatamente e se inclinou para diante, apertando o rosto contra a escotilha empoeirada. Um segundo se passou. Dois...

Houve uma explosão espetacular. O colosso pendeu grotescamente para o lado quando o projétil superaquecido de 120mm explodiu contra seu corpo. Ele cambaleou, quase recuperou o equilíbrio e por fim caiu. Quando bateu no chão, ocorreu uma segunda detonação, transformando o outrora belo andarilho em milhares de pedaços brilhantes.

Marius deu um longo suspiro. Ele se recostou pesadamente no banco, sentindo o corpo ferver, deliciando-se com o êxtase do abate. Ele vivia para momentos assim. Sempre vivera. Numa vida dura, fria como a dele, esses momentos eram tudo que lhe restava.

Por um minuto inteiro ele ficou ali, com os olhos fechados, sentindo a adrenalina bombear pelo corpo empapado de suor. Mas Marius foi despertado de seu transe pelo zumbido de um alarme desconhecido. Quando voltou a abrir os olhos, metade das luzes em seu console piscava intermitente.

Uma miríade de novas informações passou pelo visor, fazendo com que ele se endireitasse imediatamente no banco. Ao olhar pela escotilha, seu sangue gelou nas veias.

Tormentos. Dezenas deles. O horizonte atrás do colosso destruído estava pontilhado de tropas protoss que avançavam em sua direção. As pernas longas e esguias dos andarilhos menores chutavam colunas de poeira rodopiante para o alto. E à frente deles, mais perto, vinham criaturas que Marius reconheceu pelos exoesqueletos letais e enormes: imortais.

Suas mãos se moveram antes que ele se desse conta, ativando uma série de comandos para tirar o tanque do modo de cerco. Os imortais avançavam em sua direção, deslizando facilmente pelo terreno plano. Àquela velocidade, Marius calculou que tinha menos de um minuto. Diabos, talvez já fosse tarde demais.

Segundos preciosos se passaram. A espera era torturante. Quando o tanque se recusou a se transformar, Marius percebeu que havia algo errado. Algo zumbiu atrás dele. No visor, as representações holográficas das pernas de apoio do Arclite piscavam em vermelho.

O tanque estava preso.

Falei pra não perder o impulso, disse Cione, rindo em sua mente. Marius podia ver o amigo sorrir. Cê tá ficando velho demais pra isso, irmão.

Esquecendo de tudo o mais, ele apertou o botão de destravamento. Nada aconteceu. Os dentes que ancoravam o tanque no modo de cerco permaneciam firmemente enterrados no barro. Marius apertou o botão outra vez, indefeso e atordoado, mas dessa vez ele sentiu o leve tremor. Na terceira tentativa, as pernas se libertaram.

O tanque se ergueu. O zumbido hidráulico soou como doce música aos ouvidos de Marius; os apoios do Arclite se retraíram para dentro do chassi. Uma série de luzes ficou verde e as lagartas tocaram o solo outra vez. E já tocaram o chão rodando.

Marius deu ré e abalou pela planície empoeirada, passando rapidamente de marcha. As tropas Protoss agora encobriam toda a tela do visor traseiro. O computador começou a travar alvos automaticamente, emitindo uma série de bipes ao rastrear cada inimigo. Ele desligou o computador e, ao mesmo tempo, ligou o microfone.

— Aqui é o capitão Blackwood, Arclite 2717. Estão me ouvindo?

Marius tirou os fones do "mudo" e aumentou o volume do comunicador. Não se ouvia nada além de estática.

— Tenente-coronel Maxwell, aqui é Blackwood. Estou retornando. Tem alguém me ouvindo aí?

Nada. No visor, ele viu o primeiro raio disruptor de um imortal acertar o chão atrás dele, ainda a uma distância razoável. Seus sensores de proximidade, no entanto, tinham algo mais assustador a relatar: os tormentos haviam se teletransportado para frente. Agora estavam colados aos imortais e iam ganhando terreno rápido. Rápido demais.

— Gwen! — gritou Marius, fazendo o seu melhor para irritar a tenente-coronel ao usar seu primeiro nome. — Vai ter um segundo ataque! Uma porrada de tormentos. E imortais, e talvez até mais. Tenente-coronel! Alguém aí! Tem alguém ouvindo? Estou transmitindo em todas as frequências de emergên...

Marius foi arremessado para diante quando o tanque passou por um dos recessos no chão de barro, um presente de despedida do colosso. Olhando para a frente, ele se concentrou em evitar as fissuras no solo.

Outra explosão iluminou o tanque, vinda de algum ponto à frente dele. Os tormentos estavam ao alcance de tiro. O tempo estava quase acabando.

Então é assim, pensou Marius. Seria assim que ele bateria as botas. O colosso seria seu último abate... sua última cerveja antes de ser despejado no ralo do esquecimento. Era até engraçado.

A beirada do penhasco apareceu em seu visor topográfico. Ainda parecia estar longe demais. Por um instante, pensou em se suicidar — bastaria se arremessar a toda velocidade

em direção ao céu idiota. A ideia o fez rir. Mas não, não era o seu estilo. Era mais provável que ele se voltasse e lutasse. Mesmo com sua máquina no vermelho, ele poderia causar estragos sérios. Tinha certeza de que poderia derrubar um andarilho ou outro antes de morrer.

Então, mais adiante, apareceu uma luz no céu. De início era fraca e distante, mas ia se tornando mais brilhante e nítida à medida que se aproximava. Era um farol. O farol de um módulo de transporte!

Com o coração pulando na garganta, Marius acelerou com tanta força que teve medo de quebrar o manche. Mas o tanque já estava na velocidade máxima. Ele não podia fazer nada a não ser ficar vendo o terreno empoeirado passar.

O piloto do G-226 se alinhou ao tanque suavemente com os rotores na vertical enquanto descia do céu. Marius se aproximou da nave de frente. Raios dos tormentos explodiam ao seu redor; ele viu a rampa dianteira do transporte começar a descer, abrindo-se para recebê-lo enquanto se aproximava da beirada do precipício.

Uma explosão na traseira direita do Arclite jogou a máquina de lado. Imediatamente Marius lutou para endireitar o tanque. Ele forcejou para o lado oposto, deslizou perigosamente por um instante e finalmente corrigiu o curso.

Não! — pensou Marius. Agora não. Ele estava tão perto! Contra a sua vontade ou não, a esperança prendera Marius em suas garras tenazes. Depois de tudo pelo que passara, não ia desistir agora.

Voou poeira para todo o lado quando o módulo de transporte se aproximou do chão. Uma clangor duro chegou aos seus ouvidos, e Marius começou a desacelerar. Não havia espaço para erros. Uma derrapada poderia arremessá-lo contra a lateral do módulo, jogando ambos da beirada do penhasco num emaranhado de metal retorcido.

O módulo de transporte pousou e o trem de aterrissagem se flexionou com o peso. Marius desacelerou, totalmente concentrado. Rilhando os dentes, ele guiou a frente do tanque para a rampa e entrou na barriga da G-226. Pisou no freio, fez o tanque parar e ligou as travas magnéticas das lagartas do Arclite. Sentiu o estômago pesado feito um tijolo quando o piloto decolou e partiu para o estranho céu rosado.

Do lado de fora, ouvia-se o ribombar dos disruptores; mais de uma dezena de tormentos tentava retalhar o módulo de transporte. Os ruídos logo diminuíram de intensidade, tornaram-se mais distantes e, por fim, desapareceram. Pular do penhasco separara instantaneamente o transporte e o inimigo. Estava acabado.

Marius se levantou e abriu a escotilha. Ar frio e doce entrou no tanque. Encheu os pulmões, faminto; para ele, nada tinha um gosto tão glorioso. Saiu do veículo e deitou-se no topo do Arclite. Era morno, e ele permitiu que o ar frio passasse sobre seu corpo suado.

Marius fechou os olhos cansados, banhado pela luz branca do compartimento de carga do módulo de transporte. O silêncio não durou um minuto.

— Capitão Blackwood — disse uma voz amplificada no alto. — É muito bom ter o senhor a bordo!

Era a piloto da nave. Marius desceu do tanque, e suas pernas quase cederam quando os pés tocaram o assoalho de metal corrugado. Ele as esticou, fazendo uma careta. Os joelhos estalaram em protesto.

— Relaxa e aproveita a viagem, Capitão — continuou a piloto. — Daqui até a base é molezinha. Logo, logo estaremos lá. Ah, e pode fumar.

Marius meteu a mão no bolso do traje e pegou um charuto amarfanhado. Ele começou a andar ao redor do tanque, analisando os danos.

— Diga à tenente-coronel que eu vou beijá-la quando chegarmos! — gritou ele para o vazio do compartimento de carga do G-226. Sua voz ecoou alto nas paredes lisas de aço. — Com ou sem corte marcial!

Ele tinha quase certeza de que a piloto não podia ouvi-lo, mas não importava. Marius bateu nos bolsos à procura de um isqueiro e não achou nada. Pôs o charuto na boca assim mesmo e o mastigou.

Passando pela traseira do Arclite, ele parou. A maior parte da blindagem traseira do tanque tinha sido completamente destruída. Apenas alguns pedaços pequenos restavam, retorcidos pelos disparos dos tormentos. As bordas ainda incandesciam, brilhando em certas partes com o calor intenso.

Marius se inclinou com cuidado e acendeu o cigarro contra o metal superaquecido.

Passando para o outro lado, ele deu um suspiro de alívio. As marcas dos abates ainda estavam lá. Marius passou a mão por elas, tocando-as, sentindo quão profundamente

escavadas estavam na placa de novoaço. Ao fim da longa fila de marcas, ele acariciou um espaço em branco liso.

O colosso ficaria ali. Finalmente.

Houve uma terrível explosão. O módulo de transporte sacudiu perigosamente para um lado, fazendo Marius cair de quatro. Dor se espalhou por suas pernas, e os joelhos estalaram de novo. Segurando nas lagartas do tanque, ele lutou para se erguer.

Outra explosão, dessa vez tão alta que chegava a ensurdecer. A nave sacudiu violentamente, deslizou de lado e depois desceu de nariz em uma inclinação nauseante. Sem conseguir se segurar, Marius foi arremessado pelo compartimento de carga, indefeso feito uma boneca.

Houve um clarão de azul e branco, seguido por uma intensa onda de calor. Marius ouvia o assobio agudo do ar escapar pela carcaça perfurada da nave enquanto procurava algum ponto de apoio. Não achou nenhum.

Logo depois, o mundo dentro do módulo explodiu com o grito horrível de aço rasgando. O assoalho sumiu de debaixo dos pés de Marius, que caiu pelo céu rosado. Ele caía, girava, com braços e pernas estendidos em uma tentativa fútil de recobrar o controle antes de finalmente se render ao inevitável. A última coisa que ele viu foi a forma maciça do seu tanque de cerco, caindo a toda sob ele...

Não houve uma gota de medo em seu peito enquanto ele caía.

Ele sentiu alívio. Paz. Liberdade.

Marius sorriu.

Nuvens rodopiantes de poeira dançaram sob a fênix enquanto ela pousava.

Com um sibilo, a nacele se abriu. O piloto protoss apareceu, desceu e se encaminhou aonde os pedaços retorcidos do módulo de transporte terrano jaziam fumegantes. Em um ponto, o cano de um tanque de cerco estava enterrado na superfície de barro rachada. Os canos da máquina de guerra apontavam insolentes para o céu.

O piloto se curvou e pegou um pedaço de novoação incandescente dos destroços em chamas. Segurando-o na manopla, o protoss viu marcas primitivas que representavam as vitórias do humano. O protoss curvou a cabeça uma vez numa reverência sinistra. Era um gesto que transcendia raça e linguagem; ele entendia aquele guerreiro.

Não, guerreiro, não. Irmão.

Voltando à nave, o piloto usou o pedaço de metal retorcido para riscar um símbolo na fuselagem, ao lado dos outros.

Então, depois de descartar seu troféu no cenário rubro desolado, ele subiu aos céus.